

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitectura

anais do 7º seminário do_co_mo_mo_brasil

porto alegre , 22 a 24 de outubro de 2007

A REURBANIZAÇÃO MODERNIZADA DO MODERNO

LINEU CASTELLO

Professor Titular, PROPAR/UFRGS; Pesquisador CNPq
Rua Marquês de Pombal 1385/201, CEP 90540-001, Porto Alegre, RS
Tel./FAX: (51) 3342-1572 - e-mail: lincastello@terra.com.br

JULIANA MACHRY

Estudante de Arquitetura, Bolsista Iniciação Científica CNPq

MARCOS PETROLI

Estudante de Arquitetura, Bolsista Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFRGS

Resumo - É praticamente irresistível deixar de vislumbrar, por trás da chamada para trabalhos ao DOCOMOMO, a abertura para um oportuno apelo a um dos temas mais desafiadores que se antepõem aos arquitetos-urbanistas do século XXI: a sustentabilidade do ambiente construído. Conceitualmente, contudo, enquadrar o moderno já passado dentro de um bem delineado passado no moderno é, precisamente, se não uma estratégia adequada nessa direção, pelo menos uma brecha a não perder de vista, especialmente quando considerados os inflamados esforços que impelem a decisões hoje cruciais de como manter viável a sobrevivência no/do planeta. Sob a rearquitetura da cidade como operação urbanística, na verdade, abre-se uma perspectiva em tudo factível para os desígnios de se alcançar uma cidade sustentável. Guardados certos cuidados, a política de fazer crescer as cidades pela re-ocupação de seus territórios interiores apresenta méritos inegáveis. Esse tema será, então, central nas reflexões apresentadas no presente texto, usando-se uma experiência emblemática como contraponto empírico – o Bund de Xangai.

Pois o Bund consegue fazer convergir diversos tópicos – todos notáveis – de experiências realizadas na esfera da rearquitetura contemporânea. Desde os primórdios de sua urbanização, sempre ocupou posição de destaque na percepção ambiental dos moradores de Xangai. Seja na condição de percebido como um lugar dos europeus pelos europeus; seja percebido como um lugar dos europeus pelos nativos; mas, sempre, percebido de modo diferenciado – como um lugar. E como um lugar onde se concretiza de maneira admirável aquela qualidade inata ao bom urbano: a urbanidade. Nas primeiras décadas do século XX, quando no auge do seu desenvolvimento se tornou uma verdadeira vitrine dos mais altos avanços tecnológicos urbanos mundiais, desfraldou frente a uma sociedade ainda eminentemente agrícola, a modernidade do que seria um ambiente urbanizado. Naquela *strip* de aproximadamente dois quilômetros encontram-se exemplares arquitetônicos de diversificadas influências, inclusive de extração neoclássica e art-déco. Já no final do século XX, consegue crescer mais ainda, por obras de rearquitetura, para se tornar o grande lugar com que a hoje global metrópole de Xangai fascina visitantes, moradores, turistas e investidores. Pois é nessa sua nova condição que é aqui lembrado: como um lugar. Um lugar que ilustra de maneira magnífica as ações contemporâneas que levam ao sucesso das chamadas rearquiteturas.

Abstract – THE MODERNISED REURBANIZATION OF THE MODERN. It is practically impossible not to contemplate, behind the call for papers for the 7th DOCOMOMO, the opportunity for discussing the challenging topic of urban sustainability that is increasingly faced by 21st century architects and urbanists. The motto in the Call for Papers that states ‘*the modern already passed; the past in the modern*’ fits splendidly to the topic and enables the issuing of lessons on how to keep survival viable in/of the planet. Certain cares taken, policies destined to keep cities growing by the reuse of inner abandoned spaces presents merit beyond any doubt. This theme will be approached in the present text, through an emblematic experience as empirical counterpoint: Shanghai’s Bund.

Several topics – all remarkable – related to contemporary rearchitecture matters, seem to come together in the Bund. Since the early times of its urbanization, the area has always been perceived by residents in a distinguished way. Sometimes being perceived by Europeans as a European *place*; sometimes perceived as a *place* by natives; but always being perceived as a *place*. And a place where that quality inherent to urban spaces – *urbanity* – grows generously. In early 20th century, when its urban development reaches a peak, the Bund becomes a showcase of the most advanced technological achievements, displaying, to the agricultural society of the time, the modernity of an urban environment. Along Bund’s strip, of approximately 2 km long, there are architectural works of various influences, including extracts of neoclassic and art-deco origins. In the late 20th century, the area experiences a reurbanization, aiming to transform Shanghai into a modern global metropolis, able to exert a powerful allure over visitors, dwellers, tourists and investors. It is in this new condition that the Bund is approached in this paper: as a place. A place that provides a magnificent illustration of today’s successful rearchitecture actions.

Palavras-chave: lugar urbano, rearquitetura, estágio de modernidade.

A REURBANIZAÇÃO MODERNIZADA DO MODERNO

INTRODUÇÃO

Já não é causa de inusual surpresa a observação, nesta primeira década do século XXI, de que cidadãos nova-iorquinos cogitem de incluir entre suas decisões cotidianas a idéia de substituir sua excitante vida na ilha de Manhattan pelo endereço menos sofisticado, porém igualmente excitante, de Xangai, China – como é narrado no *The New York Times* de 19 de julho deste ano de 2007 (PRAGER 2007). Igualmente, não é nem um pouco irreal a atração que a megalópole chinesa exerce sobre a economia global, fascinando levas e levas de altos executivos de poderosas corporações multinacionais, seduzidos pela também inusual mixagem de comunismo-cum-capitalismo hoje prevalente na China. Bem como a expressiva abertura de oportunidades oferecida pela cidade para a absorção de novos recursos humanos dotados de algum tipo de especialização, técnica ou artística, de que a sociedade chinesa se viu tão desprovida pelo elevado nível de isolamento a que o país esteve submetido, especialmente na segunda metade do século passado. Além, é claro, de se considerar o quanto é irresistível o que a simples menção do nome Xangai consegue fazer em termos de atijar o imaginário de qualquer cidadão.

Conseqüências importantes disso tudo não se fazem esperar. Se, hoje, o ambiente urbano das grandes cidades chinesas está em fervilhante ebulição, revelando que nelas se encontra em andamento um verdadeiro laboratório de experiências arquitetônico-urbanísticas inovadoras e surpreendentes, Xangai, *a pérola do Oriente*, sobressai de maneira notável entre todas elas. E não só porque esta é a cidade que cresce mais rápido entre todas, mas, também, porque, mais do que uma simples *pérola do Oriente*, Xangai é dona de características urbanas que já a fizeram ser considerada simultaneamente, tanto uma Paris, como a Wall Street do Oriente. Isto, por contar, além do dinamismo de seu crescimento, com a riqueza potencial de uma memória urbana plena de ricos acontecimentos - mundanos, financeiros e culturais - que marcaram para sempre a história da urbanização chinesa e, muito provavelmente, mundial. O traçado urbano de Xangai é, de longa data, considerado um modelo diferente em comparação a outras cidades como, por exemplo, Beijing. A explicação para isso é usualmente atribuída às numerosas "(...) intervenções coloniais registradas no século XIX, que modificaram, em muitos aspectos, o recente desenvolvimento urbano, determinando em grande parte sua organização morfológica" (GAVINELLI & GIBELLI 1976 p.210). Para isso, contribuiu excepcionalmente a vida e a forma urbanas que se desenvolveram no espaço conhecido como *Bund*, localizado nas margens do rio HuangPu. Ali, os rastros da Modernidade permanecem gravados indelevelmente enquanto, concomitantemente, revelam-se com clareza as marcas dos sucessivos estágios de modernidade que foram experimentados no processo de urbanização vivido pela China, o que torna o Bund um adequado exemplar a representar todas as *ambigüidades* que costumam circundar a Modernidade. Com boa margem de certeza, pode-se descrever o fenômeno em andamento hoje

no Bund como uma manifestação evidente de um processo de *reurbanização modernizada da Modernidade*.

Na seqüência, o trabalho contemplará, num primeiro enfoque, um bosquejo histórico sobre o Bund. Este se realizará de modo a permitir acompanhar a continuada manifestação de Modernidade que vem envolvendo a área desde suas origens. Em seu segundo enfoque, aborda as implicações que circundam o processo de rearquitetura atualmente em andamento no Bund. Detém-se, além disso, em duas reflexões mais consistentemente reveladoras para o entendimento de sua expressão como espaço urbano qualificado, destacando-se: (i) O Bund dentro do conceito contemporâneo de *lugar* urbano e os fenômenos que geram a *percepção de lugar*; (ii) a eficácia da rearquitetura como estratégia para a sustentabilidade urbana.

1. ANTECEDENTES: A INSERÇÃO DA MODERNIDADE

Não obstante sua conotação aparentemente germânica, a palavra *Bund* é de origem *hindustani*, significando os *molhes*, um *cais* artificial, ou uma *banda* costeira de um rio. De fato, o Bund de Xangai se encontra à margem do rio HuangPu, representando simbolicamente a interface entre a cidade e o resto do mundo. Na estrutura urbana da área central de Xangai, o Bund ocupa uma das extremidades de um grande eixo estrutural formado pela avenida Nanjing - a rua de comércio mais animada e com volumoso movimento de pedestres - que conduz, em sua outra extremidade, ao conjunto de edificações monumentais que configuram o espaço conhecido como Praça do Povo (Figs. 1 - 2), onde se localizava o antigo hipódromo.

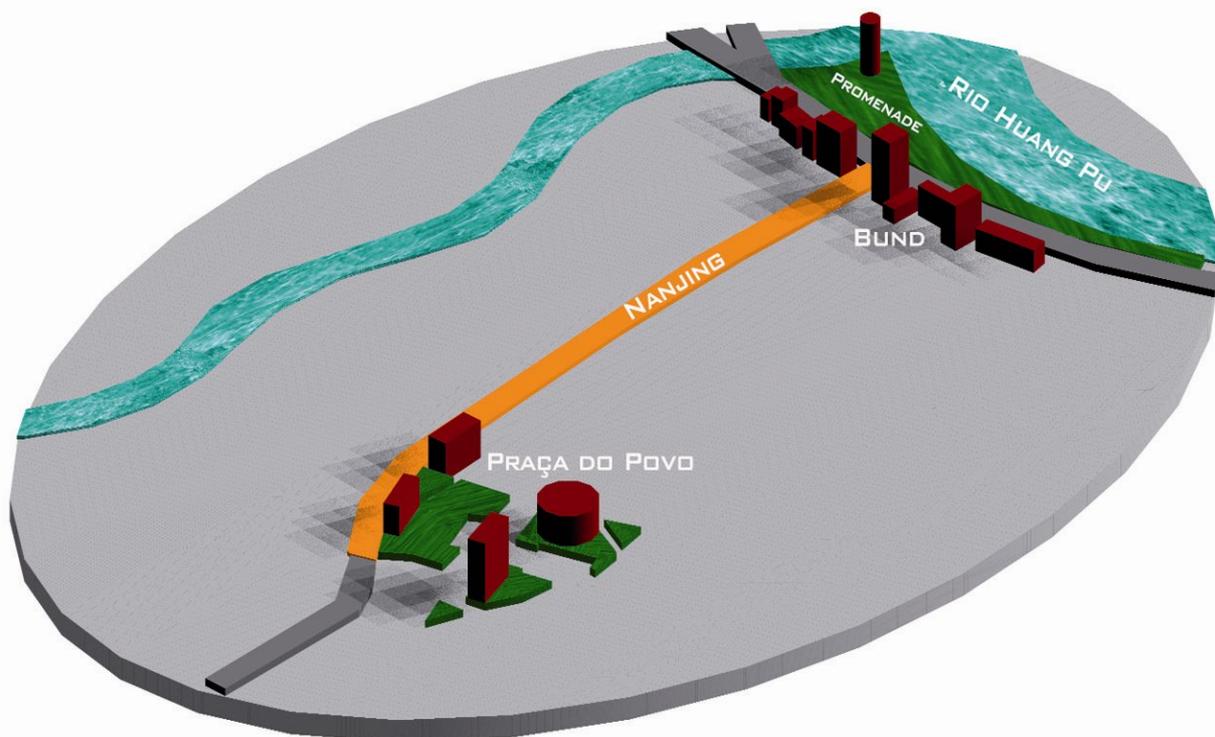


Figura 1 – O posicionamento do Bund no eixo estrutural do centro de Xangai. *Fonte: elaborado para o trabalho.*

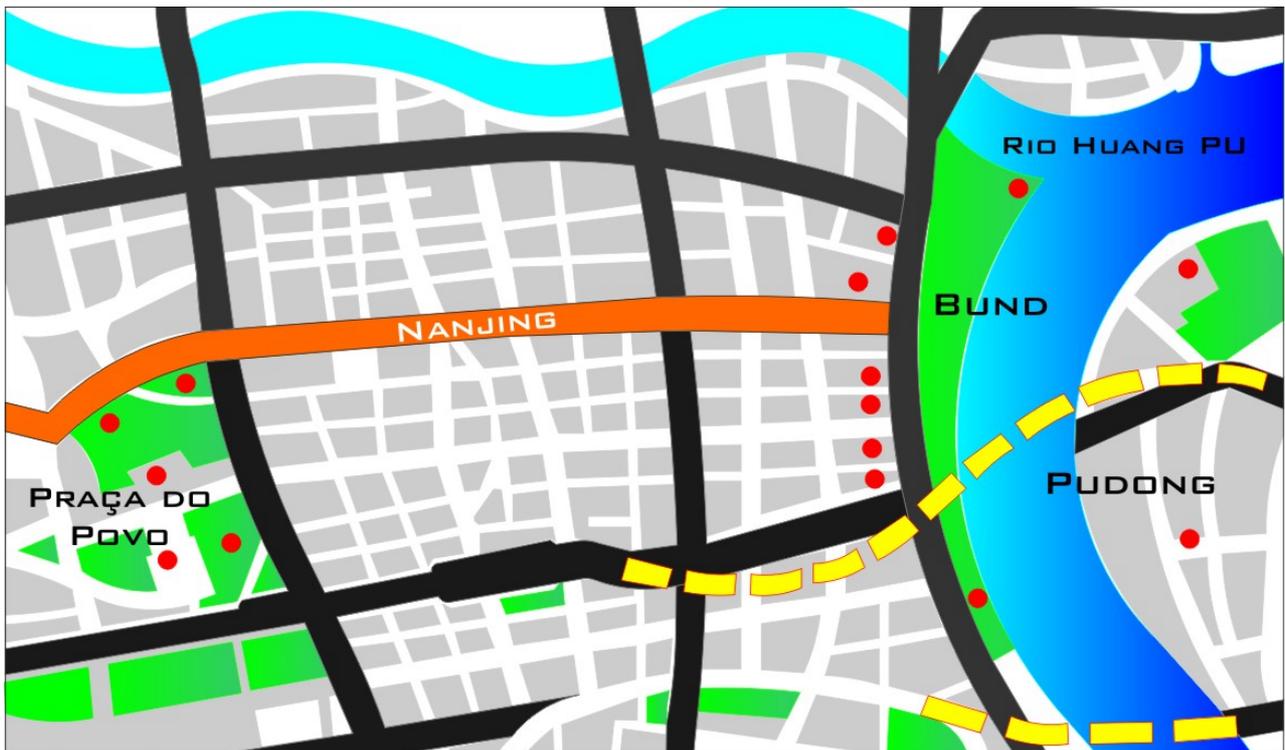


Figura 2 – Perímetro central de Xangai, ressaltando os principais elementos estruturadores. *Fonte: elaborado para o trabalho.*

A consolidação do Bund como espaço urbano – e, mais tarde, como *lugar* urbano – se dá na segunda metade do século XIX, no marco decisivo representado pelo fim da Primeira Guerra do Ópio e a assinatura do Tratado de Nanking, em 1842, como narra o planejador urbano e sociólogo Peter Hibbard, em cuja excelente obra este trabalho buscou um volumoso número de informações. Daquele fato, decorreu a consolidação de comunidades britânicas situadas em zonas costeiras da China, estabelecendo-se o direito, concedido aos cidadãos britânicos de Xangai, de ali residirem e exercerem atividades de comércio com plena autonomia. Com isso, os residentes estrangeiros adquirem um status dito ‘extraterritorial’, que os torna imunes à jurisdição soberana da China. Em pouco tempo, tratados semelhantes são igualmente estabelecidos com norte-americanos e franceses (HIBBARD 2007, p.27); se bem que, mais tarde, em 1863, a área britânica tenha sido amalgamada com a área norte-americana, tornando-se conhecida como “International Settlement”, governada e administrada por um organismo criado especialmente para esse fim, o “Shanghai Municipal Council” (SMC). O organismo dedicou cuidadosa atenção ao desenvolvimento da região, entendendo que o mesmo traria lições decisivas para os chineses, em termos da arte, ciência e rapidez nas obras relativas ao setor de operações imobiliárias. Ou, em outras palavras, que colaboraria para fazer avançar a Modernidade na região.

Costeando o rio, por pouco menos de dois quilômetros, a área não tardou a abrigar um conjunto de edificações memoráveis que, com brevidade, passou a materializar os maiores avanços construtivos até então conhecidos. Além disso, muitos deles acabaram incluídos na listagem de

sítios do Patrimônio Moderno emitida pela UNESCO, em reunião realizada em Chandigarh, em 2003. Conseqüentemente, como resultado da fervente ebulição dos movimentos da primeira metade do século, o Bund passou a apresentar uma considerável variedade de correntes e de tendências arquitetônicas, fazendo com que a região, em seu pouco mais de século de consolidação, acabasse se tornando um rico e vigoroso mostruário da arquitetura mundial, expondo uma movimentada sucessão de fachadas das mais diversificadas genealogias. Assim, há uma diversidade considerável de “estilos”, incluindo manifestações que incluem exemplares Art Déco, Neo-Renasença, Neo-Greco, Neo-Renasença Italiano, Vitoriano, Modernista, e que mesclam desde as linhas do modernismo austero, seguido pela arquitetura do setor financeiro de então, até coloridos ornamentos mais característicos das edificações chinesas tradicionais (Fig.3). Obviamente, todos os edifícios, assim como seus interiores, foram renovados e trabalhados intensamente ao longo da História, não somente pela necessidade de atender aos movimentos e práticas sociais que foram continuamente se sucedendo, como pelas peculiaridades deixadas pela ocupação por diferentes forças militares, destacando-se, entre elas, a que resultou da Guerra Sino-Japonesa de 1937, especialmente após Chiang Kay Shek se retirar da cidade, tempo em que a navegação mercante internacional ao longo do rio Yangtze, a verdadeira *raison d'être* de Xangai, lhe foi tirada (HIBBARD, 2007 p.86-87).

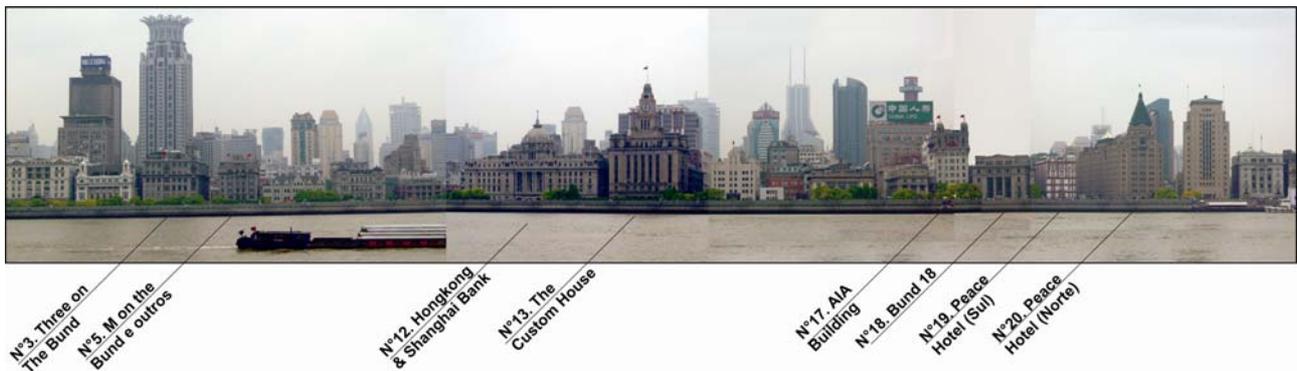


Figura 3 – Montagem mostrando o perfil do Bund em primeiro plano. *Fotos: Lineu Castello.*

São de origens distintas os principais fatores que determinam a sucessão de empreendimentos erigidos no Bund. De fato, a construção desse acervo resulta de uma inusitada combinação de fatores políticos, econômicos e culturais, que engendram um cenário totalmente diferenciado em relação ao restante da estrutura urbana central de Xangai, cenário que, de certo modo, como é curioso observar, se mantém até nossos dias: se, à época de sua construção, as edificações seguiam as técnicas e formas mais claramente *modernas* de então, hoje lá se processam práticas, igualmente as mais *modernas* em termos de usos e urbanização.

É fácil imaginar que um numeroso volume de exemplos cerca a evolução do Bund, permitindo seguir a progressiva introdução de práticas modernas ao longo de sua construção. Neste sentido,

alguns exemplos a ilustrar essas práticas foram selecionados e, mesmo que escolhidos apenas aleatoriamente, são brevemente mencionados a seguir.

Qualquer nomenclatura dos edifícios do Bund não deixaria de incluir o projeto do *Union Building*.¹ (FIG. 4), construído ainda em 1915. Este se destaca por ter introduzido o emprego de estruturas de aço em sua ossatura básica, trazendo, além da liberdade da altura, o livre uso de planos abertos, experiência ainda desconhecida e que permitia interiores desenhados de acordo com as necessidades dos próprios usuários, quebrando, assim, paradigmas construtivos tradicionais (HIBBARD 2007 p.103). Outro exemplo bem revelador é fornecido pelo *The Great Northern Telegraph Company Building*. O projeto de Atkinson & Dallas, num padrão Renascença, conta com complementos sofisticados, representativos do que seria o *estado-da-arte* das diversas categorias de equipamentos de automação nele contidos, como a inclusão de tubos de comunicação pneumática para circulação dos telegramas, uma quantidade ainda inédita de aparelhos telefônicos disponíveis nos saguões de frequência pública, ou um novíssimo modelo de elevador, recém lançado em Londres pela empresa Smith & Stevens (HIBBARD 2007 p.131). Também merece registro o edifício *The Hongkong and Shanghai Bank Building*, desenhado por George (Tug) Wilson para a empresa de Palmer & Turner, lançado com a ambiciosa meta de ‘dominar o Bund’ (Fig. 5). Destacam-se nele os avanços técnicos modernos que viabilizaram sua portentosa estrutura, com o emprego, inédito na cidade, de guias mecânicas de quatro plataformas, resultando numa construção do ‘mais alto nível do que havia sido possível na China’ (HIBBARD 2007 p.137).



Figura 4 – *The Union Building*, hoje conhecido como *Three on the Bund*. Foto: Lineu Castello.

Figura 5 – *The Hongkong and Shanghai Bank Corporation* (HSBC). Destinado a dominar o panorama do Bund, hoje aloja o *Shanghai Pudong Development Bank*. Foto: Lineu Castello.

¹ O escritório de arquitetura dos britânicos Palmer & Turner é o responsável por grande número de edificações erigidas no Bund. O *Union Building* foi seu primeiro prédio. Neste caso - assim como nos demais edifícios comentados no presente trabalho - optou-se por empregar os nomes das edificações em inglês, visto ser neste idioma que se encontra o maior número de publicações que falam sobre a arquitetura da região.

Entre outros exemplos da alta modernidade conferida pelos edifícios do Bund à sociedade chinesa, são igualmente dignos de citação os hotéis erigidos na área, em resposta à crescente demanda por estabelecimentos que ofereçam serviços à altura das exigências dos novos visitantes europeus que ingressavam em Xangai, seja através da recém inaugurada Estrada de Ferro Trans-Siberiana, seja através dos luxuosos transatlânticos que ali aportavam. O maior realce cabe para os Hotéis *Palace* e *Cathay*² (Figs. 6 - 7).



Figura 6 – *The Palace Hotel*, hoje é o *Peace Hotel, South Building*. Foto: Lineu Castello.

Figura 7 – *The Cathay Hotel*, freqüentado, nos áureos tempos por famosos do mundo inteiro. Hoje se chama também *Peace Hotel, North Building*. Foto: Lineu Castello.

O primeiro, mesmo sendo uma edificação datada de 1909, contava com seis pavimentos, oferecia 120 apartamentos, todos com banheiro, o que o fazia rivalizar com os melhores da Europa. O segundo, de 1929, já desde sua criação, contou com um projeto avançado, também do arquiteto Tug Wilson, constituindo-se num empreendimento lançado por Sir Victor Sassoon, magnata do setor imobiliário - e, é bom não esquecer, também ligado ao comércio de ópio - cuja construção se tornou desde logo um marco dos luxos e das tecnologias mais modernas, suscitando comentários entusiasmados tipo: “Como uma nave espacial Art Déco alçando-se das turbulentas águas do rio HuangPu, o Hotel Cathay dos anos 1930s era um poderoso símbolo da vanguardista sociedade de Xangai. (...) Era o corpo de Xangai – uma âncora de estabilidade e familiaridade, uma verdadeira roda-gigante de inovações e de surpresas” (HIBBARD 2007 p.227).

² Mais tarde, em 1956, os dois hotéis foram agrupados sob um só nome, o de *Peace Hotel, South and North*, ficando o Palace Hotel como Hotel da Paz, Prédio Sul; e o Cathay Hotel como Hotel da Paz, Prédio Norte.

2. A REARQUITETURA DO BUND: A NOVA MODERNIDADE

Hoje, o vibrante acervo construído que se encontra no Bund, narra, com inusitada clareza, muitas das contradições da sociedade contemporânea, já que retrata desde as mais celebradas realizações culturais dessa sociedade, até alguns de seus aspectos menos gratificantes, como aqueles que, com freqüência, se atrelam aos exageros de um consumo compulsivo, alguns considerados até mesmo como verdadeiras obscenidades.

De qualquer forma, o Bund foi gerado como um *espetáculo* – e, ao que tudo indica, é assim que continuará a ser. Mesmo nos remotos tempos do início de sua implantação, já teria sido um precoce exemplar de *espetáculo urbano*, ainda que primordialmente dedicado a atividades de bancos e de empreendedorismo. Porém, seus pontos de encontro já eram notáveis e refletiam com precisão muitas das perversidades da sociedade imperialista da época, repleta de preconceitos, divisões classistas e raciais, das quais bastaria lembrar que, por um razoável período, por exemplo, os chineses ficaram barrados dos lugares freqüentados pelos estrangeiros, exceto se estivessem a seu serviço. Diga-se de passagem, também, que por algum tempo os acessos a lugares como os Jardins Públicos da orla do Bund - que não seriam tão públicos assim - só se tornaram possíveis depois que o pagamento de uma pequena taxa junto aos portões ficasse estabelecida.

Mesmo assim, o que hoje se passa no Bund é visto como favorável à cidade, já que paulatinamente a posiciona em igualdade de condições com o resto do mundo urbano global. Isso é bem-vindo, tendo em vista o longo período de relativa hibernação a que ficou submetida a China durante seu prolongado fechamento frente ao mundo, desde a proclamação da República Popular da China por Mao Zedong, em 1949 (HECKSHER 2006). Tendo em vista, ainda, algumas das práticas contemporâneas de gestão urbana, fundamentadas em políticas calcadas na competitividade entre as cidades globais. Na verdade, em 1949, a China não só reclamou o Bund de seus ocupantes internacionais como, também, passou a usar sua imagem em nome de seus próprios interesses.

É interessante observar que muitos empreendedores não só visualizavam, como procuravam materialmente tornar o Bund um lugar de destaque. Entre eles, inclui-se o visionário Victor Sassoon, que profeticamente sonhava “transformar Xangai numa moderna cidade cosmopolita, dotada de um espetacular *skyline*” (HIBBARD 2007 p. 248). Nisso, Sir Victor não teria pensado muito diferente do que pensam os igualmente visionários planejadores de hoje. Quando projetam prospectivamente, conjecturando como farão para hospedar a vindoura *Expo Mundial de 2010*, os planejadores governamentais hoje olham para o Bund com uma voracidade indisfarçavelmente cúpida, visualizando-o não mais como o costumeiro centro financeiro que sempre foi, mas, sim, por seu enorme potencial de ser um *lugar global* irresistivelmente atraente e competitivo, uma vitrine para as artes, entretenimento, gastronomia, shopping, lazer. Ora, esta se constitui numa das manifestações mais em pauta em inúmeras cidades do século XXI, manifestações que são

freqüentemente consideradas como uma das características básicas do que hoje se considera um urbanismo dito pós-moderno (CARMONA et al. 2003; NESBITT 1995). Em outras palavras, seriam *lugares* criados ou re-criados em seções da cidade que corporificam uma prévia visão de futuro e que, no presente, são revitalizadas de modo a abrigar o melhor de seu passado numa mescla de fantasia e realidade. Desta forma, como observa Hibbard (2007 p.11) ainda no início de sua obra, “(..) the Bund had become a ‘Disneyesque’ attraction to parade by at night”.

A *promenade* que acompanha as margens do rio (ver FIG. 1) foi uma reinvenção dos anos 1990s, destinada a arrimar uma defesa contra as cheias. Permanentemente abarrotada de gente e de animação - no que representa um excelente arremate ao eixo também permanentemente animado da avenida Nanking - o passeio elevado é rebatido, na margem oposta, pela magnífica visão de uma outra *promenade*, esta já na área moderníssima do Pudong, um verdadeiro preito à antevisão futurística dos ambientes urbanos do novo milênio (FIGS. 8 – 11). No entanto, esta inovação é apenas uma das muitas que passam a ocorrer velozmente no Bund, coerente e muito próxima em termos temporais, à célebre declaração do Premier Deng Xiaoping, no início dos anos 1990s, de que “o desenvolvimento econômico faz sentido”. Entretanto, mesmo frente a toda a ostentação dos arrojados arranha-céus que agitam o *skyline* da região do Pudong, o processo de inovações desencadeado pelo re-despertar do Bund tem certamente uma conotação mais extensiva em termos de projetos urbanos. Implica, em última instância, na instauração de um processo às vezes chamado de *rearquitectura*, “uma reflexão sobre a construção da cidade moderna enquanto um enfrentamento contemporâneo consciente de suas preexistências”³.

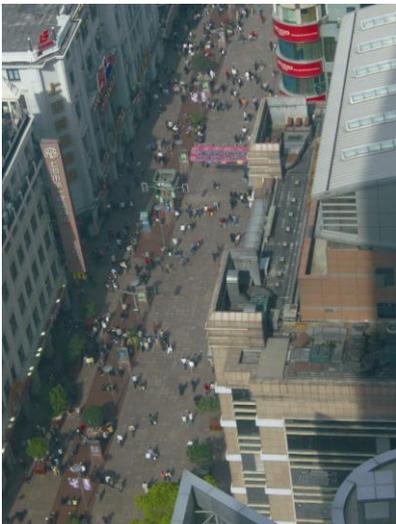


Figura 8 – Visão diurna da Avenida Nanjing. Foto: Lineu Castello.



Figura 9 – Visão da Avenida Nanjing à noite. Foto: Lineu Castello.

³ Como explica José Artur D’Aló Frota, na disciplina que ministrava sobre o tema, no PROPAR / UFRGS.



Figura 10 – Vista da urbanização do Pudong a partir da *promenade* no Bund. Foto: *Lineu Castello*.

Figura 11 – Vista noturna da urbanização do Pudong, a partir do terraço do *Bar Rouge*, situado no prédio *Bund 18*, ao lado. Foto: *Lineu Castello*.

As operações de rearquitetura envolvem uma redescoberta e requalificação criteriosa de elementos marcantes da estrutura urbana, as quais passam a gerar uma verdadeira *reurbanização* de certos setores das cidades. Este é precisamente o fenômeno a ocorrer no Bund, onde os edifícios-monumentos experimentam uma avançada *modernização* de suas funções básicas. Novamente, alguns exemplos dessas rearquiteturas poderão ajudar a ilustrar essas mudanças, como se comenta em seqüência.

Começando outra vez pelo *Union Building*, o reuso deste prédio tornou-o agora conhecido pelo nome de *Three on the Bund*. E não simplesmente conhecido: afamado, pois goza da reputação de ser um dos lugares mais procurados do *strip*, tanto em função da diversidade de ofertas que apresenta, como pelos excelentes resultados das operações de rearquitetura que experimentou, todas sob orientação de Michael Graves. Ao ser inaugurado como *Three on the Bund*, em 2004, a interpretação modernizada das formas tradicionais produz ‘um contraste excitante com a objetividade do desenho moderno’ (DATZ & KULLMANN 2005 p.162). A obra, que congrega um prestigioso centro voltado ao comércio de boutique, artes, cultura e gastronomia, fez o Bund novamente quebrar paradigmas, especialmente em termos de técnicas e conceitos de conservação patrimonial. Os projetistas tiveram grande cuidado em conservar a vibração e a energia evidente nas interações entre as pessoas e o comércio ao longo do Bund, e o rio, e trazê-los para dentro da edificação. Graves, juntamente com Lyndon Neri, foi o responsável pelo lançamento da estrutura básica da rearquitetura, embora os interiores tenham contado com a colaboração de outros arquitetos de porte, como Massimiliano Fuksas, que executou os espaços de Giorgio Armani (FIG. 12). Os diretores do projeto foram bastante críticos em relação ao que vinha sendo praticado em termos de conservação em Xangai, reclamando que ‘os recém-chegados e auto-proclamados *experts* não fizeram sua lição de casa e carecem de uma apropriada compreensão de arquitetura, planejamento e história’ (HIBBARD 2007 p.107). Para os

projetistas, sinceridade, entendimento e clareza conceitual seriam os elementos-chave para manter viva a 'essência' anímica de uma edificação, razão pela qual se mantiveram obstinados quanto à intenção de adotar em todas as suas operações o que chamaram de um 'ponto de vista espacial histórico'.



Figura 12 – A loja de Giorgio Armani no *Bund 18*, antigo *The Chartered Bank of India, Australia and China*.
Foto: Lineu Castello.

Figura 13 – *Sibilla Boutique Café*, localizado no atrium do *Bund 18*. Foto: Lineu Castello.

Aliás, as próprias operações de limpeza e restauração constituem, em si, um passo adiante em termos de *modernidade*, por especializarem a mão de obra local em técnicas sobre as quais não tinham domínio prévio e em cujas tentativas já haviam incorrido em resultados desastrosos.

Nessa mesma linha, o Bund já acumula outras experiências igualmente dignas de registro, como a dos trabalhos de recuperação desenvolvidos no *The North China Daily News Building*, prédio conhecido carinhosamente como 'The Old Lady of the Bund', e que nos dias atuais aloja os negócios da seguradora AIA (American International Assurance Company). Foi o primeiro prédio a ser recuperado no Bund, em 1997, sob os cuidados da empresa de arquitetos nova-iorquinos Jan Hird Pokorny Associates. O fato mais marcante a comentar nessas obras é o carinho dedicado à recuperação dos ornamentos exteriores do edifício, como os baixos-relevos que comemoram simbolicamente algumas atividades típicas do mundo da imprensa. Surpreendentemente, as esculturas haviam sofrido depredações devastadoras durante os tempos mais duros do regime comunista, especialmente aqueles da Revolução Cultural (1966-1976). As peças que conotavam a alguma manifestação de superioridade dos europeus foram as mais prejudicadas. Por isso, por exemplo, os quatro pares de cariátides em forma de Atlas a sustentar as cornijas do edifício da AIA foram severamente dilapidadas. As figuras, desenhadas na Itália e de feições acentuadamente européias, representavam carregar todo o peso do mundo em seus ombros,

imagem que indiretamente evocava a força e o poder ocidental, algo que o regime necessitava obliterar a todo custo. Por essa razão, nos anos 1950s, algumas das saliências mostradas pelas estátuas - como seus braços erguidos e, muito particularmente, seus narizes longilíneos marcadamente europeus -, foram cuidadosamente decepadas e encaixotadas em cubos de concreto, para caírem no olvido. Felizmente, as estátuas foram recuperadas e ainda podem ser apreciadas, de perto, desde o terraço do *Bar Rouge*, no *rooftop* do prédio Bund 18, ao lado (Fig.11).

Outra demonstração primorosa de rearquitetura é fornecida pelo prédio do *The Chartered Bank of India, Australia and China*, que reabriu em 2004 sob a denominação de *Bund 18*. Conservando muito da visão arquitetônica original, enquanto incorporando acréscimos modernos harmoniosos, o prédio abriga marcas famosas, como Cartier e Zegna, e um variado número de restaurantes, bares noturnos e cafés, como o *Sibilla Boutique Café*, localizado no esplêndido átrio do edifício (Fig.13). O projeto foi conduzido por Filippo Gabbiani que, declaradamente, tomou cuidados especiais em sua execução, de modo a torná-lo modelar para a restauração futura de prédios históricos chineses, para o quê, realizou previamente uma pesquisa com informações substanciais de natureza histórica, tecnológica e sociológica a respeito do edifício (HIBBARD 2007 p.192). Seu trabalho foi recompensado com o *Prêmio de Excelência* na premiação da UNESCO relativa ao Patrimônio Ásia-Pacífico, em 2006. Xangai foi recompensada com mais um avanço nos sucessivos estágios de Modernidade que vem experimentando.

3. O PAPEL DA REARQUITETURA NA SUSTENTABILIDADE URBANA

Durante toda sua história, o homem ocupou o solo e os recursos naturais sem precisar se preocupar com problemas ambientais e escassez de matéria-prima. Infelizmente, como os dados recentes dos órgãos ambientais e respectivas tecnologias informam, apresenta-se um quadro muito alarmante sobre as condições do planeta Terra. Hoje, vivem no mundo um pouco mais de 6 bilhões de habitantes, sendo que metade destes encontram-se nas cidades. Em 2050, haverá cerca de 10 bilhões de pessoas. Entretanto, com a poluição e o lixo gerados pelos mecanismos fornecedores de energia, no futuro não haverá condições para uma habitabilidade confortável no planeta. Problemas como efeito estufa, “buracos” na camada de ozônio e aquecimento global, que hoje são graves, futuramente serão ainda piores. Além disso, as expectativas apontam escassez de água e alimentos, materiais básicos para a vida humana.

Para tanto, soluções para a diminuição desses agravadores ambientais são muito mais do que necessárias, bem como a conscientização das pessoas pelo racionamento dos recursos físicos. Um oportuno meio de abrandar os efeitos negativos à vida do planeta é tornar a cidade sustentável, capaz de renovar seus usos e reciclar elementos. Energia nuclear e energia à base de fósseis, por exemplo, não podem ser reutilizadas e poluem o meio ambiente, agravando a

situação do planeta. Atualmente, há em torno de 500 milhões de veículos no mundo; em 2030, haverá o dobro. Na Cidade do México, com 20 milhões de habitantes, há tanta concentração de veículos e ingestão de poluentes na atmosfera, que a cidade fica coberta por uma camada cinza de fumaça, além de passar 300 dias por ano acima dos níveis máximos de presença de substâncias tóxicas no ambiente e sofrer com as conseqüências da chuva ácida. Xangai é outra aglomeração constantemente imersa sob densa nuvem de poluição. Por outro lado, vários meios de geração de energia conhecidos hoje em dia, como a eólica e a solar, são renováveis e não causam impactos no ambiente.

Para os projetistas de cidades, arquitetos e urbanistas, saber lidar com essa situação e aplicar fatores que auxiliem na diminuição da ingestão de poluentes no planeta é fundamental. Projetar a cidade de modo que o indivíduo não precise percorrer grandes distâncias para acessar o trabalho e lazer é um excelente modo de evitar a utilização excessiva dos veículos e a poluição do ar. Outro método é oferecer condições para que as edificações possam aproveitar ao máximo a orientação e energia do Sol, diminuindo a utilização de climatização artificial e energia elétrica. Desponta com isso, um novo pensar em arquitetura-urbanismo que aponta para uma opção pelo reuso de espaços urbanos que hoje se encontram ociosos, a chamada *rearquitectura*, como mencionado anteriormente. Sob a égide da rearquitectura da cidade como operação urbanística, na verdade, abre-se uma perspectiva em tudo factível para os desígnios de se alcançar uma cidade sustentável. Um fato importante a considerar é o de que, embora se inicie um novo século com o preocupante reconhecimento do exagerado recobrimento que a expansão do ambiente construído acarreta sobre o ambiente natural a *necessidade por espaço permanece*. Onde buscá-lo? O reuso de áreas esvaziadas como estratégia para o desenvolvimento urbano sustentável, mantendo-se limites territoriais pré-existentes pode ser uma alternativa viável (CASTELLO & CASTELLO 2003).

Guardados certos cuidados, a política de fazer crescer as cidades pela re-ocupação de seus territórios interiores apresenta méritos inegáveis, o que, com toda a certeza, está sendo demonstrado pela experiência do Bund. Relegada a um assustador esvaziamento durante um considerável período de tempo, os administradores da nova China despertaram para o re-despertar daquela área tão diferenciada e tão comprovadamente desejada. Todavia, por mais inconcebível que possa parecer, houve um tempo em que voltar a usar o território do Bund para fins comerciais soava como um imprudente desafio. Basta, para isso, recordar o que Michelle Garnaut, empreendedora do setor de refeições, comenta de sua primeira visita a Xangai, no recente ano de 1985: “Minha primeira lembrança do Bund foi a das lâmpadas de 20 watts, tudo era tão escuro e tão cinza. Xangai era toda cinzenta naquela época” (HIBBARD 2007 p.115).

Michelle, que se tornou a pioneira das atrações gastronômicas hoje oferecidas no Bund⁴, conta também que, em 1997, quando finalmente se decidiu por negociar o edifício da NKK no Bund, foi muito criticada, principalmente pelo interior do edifício ter o aspecto de um *bunker* de concreto abandonado, e pelo total esvaziamento do Bund em termos de freqüentadores. Mesmo assim, confiante na gestão dos dirigentes chineses, acreditou na rearquitetura da área, principalmente pela promessa governamental de extensão da auto-estrada costeira e da construção de um aeroporto novo no Pudong (HIBBARD 2007 p. 121). Nessa época, todo o Pudong já era um grande canteiro de obras, seguindo muitas das diretrizes propostas pelo planejador inglês Lord Richard Rogers para plano estrutural da área. É interessante ressaltar que o mesmo Rogers é um defensor ferrenho das ações de rearquitetura, criticando o quanto as metrópoles do terceiro mundo estão comprometendo seu território natural ao seguirem as linhas do urbanismo norte-americano, afirmando que “(...) o modelo da ‘cidade densa’ pode trazer grandes benefícios ecológicos (...) pode ser desenhada de modo a incrementar a eficiência no uso da energia, consumir menos recursos, produzir menos poluição e evitar a progressiva expansão urbana sobre a área rural” (ROGERS, 1997, p.33). Evidentemente, dentro de uma perspectiva como essa, a rearquitetura tem tudo a ver com a continuidade da construção da cidade moderna, pois estaria garantindo uma continuidade na qual será possível “(...) discernir entre un urbanismo de desarrollo expansivo de la ciudad(...) y un urbanismo capaz de gestionar la ciudad consolidada como un bien social que ha de transferirse al futuro” (DE GRACIA 1992:13).

4. O BUND COMO LUGAR

O Bund, no presente, é visto como lugar da urbanidade, lugar da modernidade, lugar do entretenimento, lugar do lazer, lugar do trabalho, lugar do dinheiro, lugar do poder, lugar da tecnologia, lugar da memória, lugar da aura, lugar da pluralidade, lugar da qualidade de vida urbana coletiva; e, mais recentemente, como lugar do valor, lugar do mérito de contribuir para a sustentabilidade do ambiente urbano de Xangai.

O Bund é, indiscutivelmente, um *lugar*. Bem de acordo, aliás, com as presentes variações notadas na conceituação de lugar. A esse respeito é bom recordar que:

O conceito de lugar é tradicionalmente associado às ações projetuais da Arquitetura e Urbanismo, embora o interesse pelo tema tenha experimentado uma diminuição a partir de meados do século XX. Por outro lado, entre o final do século XX e início do XXI, consolidou-se uma nova prática no campo projetual de lugar: o surgimento de lugares criados sob

⁴ Ela é proprietária do renomado “M on the Bund”, restaurante localizado no prédio anteriormente ocupado pela companhia de navegação japonesa Nisshin Kisen Kaisha (NKK), no número 5 do Bund.

configurações novas - como parques temáticos, shopping malls, áreas históricas refuncionalizadas - reinstaurando o interesse pelo tópico.” (CASTELLO 2005, p.vii).

Evidentemente, as implicações para essas revisões conceituais são multifacetadas, embora o foco de sua origem esteja relacionado às mudanças comportamentais ocorridas nas práticas sociais cotidianas de uma nova sociedade urbana, o que faz mover o conceito de lugar “(...) de sua explicação *funcional* tradicional para uma nova interpretação *existencial*”, buscando encontrar em “(...) contribuições de outras disciplinas, a parcela de explicação que porventura podem trazer para se entender a *gênese* dos novos lugares das cidades atuais.” (CASTELLO 2006, p.77).

E por que seria o Bund um bom exemplar de *lugar*?

Novamente, são multifacetadas as explicações, simplesmente, porque são também multifacetadas as diversas experiências de vida vivenciadas nas cidades de hoje. Uma pequena recensão, no entanto, já será suficiente para, com clareza, ilustrar a questão.

O Bund é basicamente um *lugar* porque, em primeira instância, seus atributos físicos lhe conferem a *percepção de apazibilidade*.

Contudo, não se esgota nessa percepção o rol de características que, conjugadas, conferem ao Bund sua habilitação a ser visto como um lugar da urbanidade. Outras explicações diriam que o Bund é percebido pelos moradores e visitantes como lugar:

Porque seus atributos psicológicos conferem a percepção de aura;

Porque seus atributos políticos conferem a percepção de poder;

Porque seus atributos sociais conferem a percepção de pertencer;

Porque seus atributos gerenciais conferem a percepção de ordem;

Porque seus atributos econômicos conferem a percepção de segurança;

Porque seus atributos históricos conferem a percepção de modernidade;

Enfim, porque o somatório de todos esses atributos, acrescido dos atributos de sua forma arquitetônico-urbanística, conferem a seus usuários a *percepção inequívoca de lugar*.

Adicionalmente, aí surge um outro interrogante de interesse para as presentes considerações:

E como teria o bund adquirido a percepção de que é um *lugar*?

Diversas respostas poderiam ser rapidamente ensaiadas, se bem que, numa certa dimensão, todas acabariam por se sobrepor. Poder-se-ia considerar, por exemplo, que o Bund teria adquirido a percepção de lugar em função da decidida intenção de seus planejadores de ali criar um legítimo lugar-vitrine, por meio de um processo de *clonagem* das formas pré-existentes, buscando reconstituir o verdadeiro *lugar da urbanidade* que originalmente foi. De fato, ele é cuidadosamente desenhado com todos os requintes exigidos de um lugar-vitrine. Neste sentido, ele é, até certo

ponto, ostensivamente elitista. Essa posição entretanto, encontra explicações muito lógicas: o Bund dispõe de um poder polarizador extraordinariamente forte, chega a ser até magnético, como, aliás, deve ser um legítimo lugar-vitrine, pois ali está o lugar desejado por todos, é um símbolo da qualidade de vida – pelo menos, quando entendida nos termos precípuos dos mandamentos da atual sociedade de consumo. Se, no passado, simbolizou o ápice representativo do que seria o *point* para toda uma sociedade essencialmente classista, tem por objetivo aberta e declaradamente voltar a sê-lo, e não poupa esforços para conseguí-lo. Todavia, dentro das práticas comportamentais dos chineses urbanos contemporâneos o Bund se torna, indiscutivelmente, um influente emulador, a gerar padrões normativos para as aspirações de indivíduos de todas as categorias sociais e extrapolar, com celeridade, de sua posição de preferido apenas dos indivíduos mais poderosos, à posição de lugar popular buscado por todos.

Aliás, como o Bund sempre foi. *Como a modernidade do Bund sempre o avalizou a ser.*

Novamente, como no passado, o Bund é a representação natural da *interface* chinesa com o resto do mundo. Se, antes, essa interface poderia se limitar à representação simbólica marcada pela presença do rio Huangpu e à abertura a contatos externos que viabilizava, no presente, continua claramente representada, só que, agora, pelo novíssimo efeito-demonstração propiciado pelos exageros do Pudong. O Pudong de hoje é o Bund de antigamente. Com a ressalva de que o Bund de hoje representa, de novo, o que se entende no mundo moderno como *a vanguarda da urbanização*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARMONA, Matthew; HEATH, Tim; OC, Taner; TIESDELL, Steve. Public Places - Urban Spaces. Oxford: Architectural Press, 2003.
- CASTELLO, Lineu. Repensando o *lugar* no Projeto Urbano. Variações na Percepção de lugar na Virada do Milênio (1985-2004). Tese doutoral. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2005.
- CASTELLO, Lineu. O *lugar* Geneticamente Modificado. ARQTEXTO (UFRGS), v. 9, p. 76-91, 2006.
- CASTELLO, Lineu; CASTELLO, Iára Regina. Por Uma Sustentabilidade Lógica e Psicológica para o Ambiente Metropolitano. OLAM Ciência e Tecnologia. Rio Claro, SP, v. 3, n. nº 1, p. 92-110, 2003.
- DATZ, Christian & KULLMANN, Christof. Shanghai. Architecture and Design. Düsseldorf: teNeues, 2005.
- DE GRACIA, Francisco. Construir en lo Construido. La Arquitectura Como Modificación. Madrid: Nerea, 1992.
- GAVINELLI, Corrado & GIBELLI, Maria Cristina. Ciudad y Territorio em China. Madrid: H. Blume, 1976.
- HECKSHER, Marcelo. China. Indicadores de Uma Visão sem Preconceitos. Idéias em Destaque, No 22, set/dez 2006, p. 99-117: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica.
- HIBBARD, Peter. The Bund, Shanghai. China Faces West. Hong Kong: Odyssey Books, 2007.
- NESBITT, Kate (ed.). Theorizing a New Agenda for Architecture. An Anthology of Architectural Theory 1965-1995. New York: Princeton Architectural Press, 1996.
- PRAGER, Emily. Setting Down in a City in Motion. The New York Times. <<http://www.nytimes.com/2007/07/19>>
- ROGERS, Richard. Cities for a Small Planet. Boulder, CO: Westview Press, 1998.